

Docência e tecnologias educacionais: reflexões sobre a formação pedagógica de professores universitários que atuam na modalidade a distância

Teaching and educational technologis: reflections on the pedagogical training of university teachers acting in distance modality

Enseñanza y tecnologías educativas: reflexiones sobre la educación educativa de profesores universitários que actuam em modo de distancia

Recebido: 22/07/2020 | Revisado: 15/08/2020 | Aceito: 19/08/2020 | Publicado: 23/08/2020

Verônica Abud Paranhos Moraes Sena

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0598-0904>

Centro Universitário Unicathedral, Brasil

E-mail: veronica.sena@unicathedral.edu.br

Gricyella Alves Mendes Cogo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9744-9899>

Centro Universitário Unicathedral, Brasil

E-mail: gricyella.mendes@unicathedral.edu.br

Gisele Silva Lira de Resende

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9744-9899>

Centro Universitário Unicathedral, Brasil

E-mail: gisele.lira@unicathedral.edu.br

Vera Lúcia Macedo de Oliveira Resende

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5521-8897>

Centro Universitário Unicathedral, Brasil

E-mail: vera.macedo@unicathedral.edu.br

Resumo

A expansão tecnológica a cada dia transforma, expressivamente, todos os segmentos da sociedade. Diante desse cenário, a modalidade de Educação a Distância, que vêm se proliferando nos últimos anos, modificou, também, a forma de ensinar e de aprender. Em 2020, esse fenômeno foi intensificado, em virtude do surgimento do novo coronavírus, que exigiu, por parte da população, o isolamento social provocando, dessa forma, transformações

mais consideráveis no campo educacional e nas formas de interação; ambas permeadas, agora, pelas tecnologias digitais. Sendo assim, esse estudo teve por finalidade maior analisar a formação pedagógica dos docentes que atuam no Ensino Superior, na modalidade a distância, no que se refere ao uso das tecnologias educacionais. Para tanto, a pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa se fez necessária, aportada em pesquisa bibliográfica, a partir de Kensky (2014) Moran (2000; 2015), Pretti (2005), dentre outros, em associação à pesquisa de campo, junto ao público-alvo supramencionado. Concluiu-se que formação pedagógica dessa categoria docente apresenta fragilidades significativas, uma vez que não dominam as ferramentas essenciais à uma atuação proficiente, comprometendo, dessa forma, o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação a distância; Formação docente; Tecnologia educacional.

Abstract

The technological expansion each day significantly transforms all segments of society. Faced with this scenario, the form of distance learning, which has intensified in recent years, has also changed the way of teaching and learning. In 2020, this phenomenon was intensified by the emergence of the covid-19 virus, which required social isolation on the part of the population, thus provoking more considerable transformations in the educational field and in forms of interaction; both now permeated by digital technologies. Thus, this study had as its main purpose to analyze the pedagogical formation of teachers who work in Higher Education, in the distance modality, regarding the use of educational technologies. Therefore, the exploratory research, with qualitative approach, was necessary, contributed in bibliographical research, from Kensky (2014) Moran (2000; 2015), Pretti (2005), among others, in association to the field research, with the above mentioned target audience. It was concluded that the pedagogical formation of this teaching category presents significant weaknesses, since they do not master the essential tools for a proficient performance, thus compromising the learning process.

Keywords: Distance education; Teacher training; Educational technology.

Resumen

La expansión tecnológica todos los días cambia significativamente todos los segmentos de la sociedad. Frente a este escenario, la modalidad de educación a distancia, que ha estado proliferando en los últimos años, también ha cambiado la forma de enseñar y aprender. En 2020, este fenómeno se intensificó debido a la aparición del nuevo coronavirus, que exigió,

por parte de la población, aislamiento social, provocando transformaciones más considerables en el campo educativo y en las formas de interacción; ambos permeados, ahora, por las tecnologías digitales. Así, este estudio tuvo como objetivo principal analizar la formación pedagógica de los docentes que trabajan en Educación Superior, en la modalidad a distancia, con respecto al uso de tecnologías educativas. Para esto, fue necesaria una investigación exploratoria, con un enfoque cualitativo, basada en la investigación bibliográfica, de Kensky (2014) Moran (2000; 2015), Pretti (2005), entre otros, en asociación con la investigación de campo, junto con público antes mencionado. Se concluyó que la capacitación pedagógica en esta categoría de enseñanza tiene debilidades significativas, ya que no dominan las herramientas esenciales para un desempeño competente, lo que compromete el proceso de aprendizaje.

Palabras clave: Educación a distancia; Formación del profesorado; Tecnología educacional.

1. Introdução

A democratização da internet, bem como o crescimento vertiginoso da tecnologia, vem provocando mudanças significativas em todos os segmentos da sociedade. Esses setores que segmentam a sociedade buscam nos recursos tecnológicos, não só uma forma de atender as demandas sociais, mas, também, um meio de se estar cada vez mais a frente, tendo vista que a competitividade é um elemento proeminente na contemporaneidade.

Todavia, o que se pode observar é que o setor educacional vem evoluindo, de modo mais lento e apresentando forte resistência por parte dos professores, não só da Educação Básica, mas, também, do Ensino Superior; este último elemento desse estudo.

Com o surgimento do corona vírus, exigiu-se um isolamento social rígido da população mundial, modificando, dessa forma, a interatividade social e, por consequência o processo de ensinar e de aprender. O Ensino Superior presencial, que já estava aderindo, em grande parte, aos recursos inerentes à Educação a distância, em pelo menos vinte por cento do seu currículo, foi obrigado a adotar o ensino híbrido, por meio de aulas remotas.

Nesse contexto as habilidades docentes para a utilização adequada dos recursos tecnológicos, foram postas à prova e, quem até então resistia à mudança, foi compelido a modificar sua prática profissional, sob pena, inclusive, de perder o seu emprego.

Ademais este artigo tem como tema “A capacitação docente para o uso das tecnologias no Ensino a Distância”, com vistas a responder o seguinte problema: Os

docentes da Educação a Distância- EAD estão aptos a lidar com as tecnologias utilizadas nesse processo de ensino?

Hipoteticamente, presume-se que o corpo docente, em sua grande maioria, não desenvolveram as competências e habilidades necessárias para uma atuação eficaz na modalidade a distância, seja por resistência ou dificuldade em trabalhar com as tecnologias existentes ou pela falta de investimento em treinamento de qualidade para a adaptação desse profissional. Ressalta-se, aqui, que muitos treinamentos são inócuos e se restringem a ensinar o manejo tecnológico, sem a preocupação da inserção pedagógica nesse processo.

Do mesmo modo, há, ainda, instituições que deixam a cargo do professor esse preparo, sem nenhuma verificação posterior, se, de fato, este detém conhecimento suficiente para desempenhar um bom trabalho.

Dessa forma, a pesquisa teve como finalidade maior analisar a formação pedagógica do corpo docente, que atua na modalidade EAD, no que se refere a utilização das tecnologias.

Para tanto, esta pesquisa básica, de cunho exploratório averiguou o nível de conhecimento no público-alvo desse estudo e, por meio da abordagem qualitativa, foi possível analisar as concepções existentes acerca do tema.

A pesquisa bibliográfica alicerçada em Barros (2003), Kensky (2014) Moran (2000; 2015) e Pretti (2005), bem como legislação vigente possibilitou um arcabouço teórico consistente que, associada à pesquisa de campo com docentes que atuam na modalidade a distância, permitindo às pesquisadoras estabelecerem conexões mais estreitas, entre a formação pedagógica desses professores, dentro do universo tecnológico, necessário para o Ensino a Distância e atuação adequada à aprendizagem significativa do aluno, observando, nesse aspecto, as maiores dificuldades que incidem sobre esses profissionais.

Não obstante, entendeu-se adequado a utilização do método indutivo, uma vez que permitiu obter resultados significativos para os objetivos pretendidos, tendo em vista que a análise de casos particulares para a teoria e leis gerais.

Para estruturação do artigo, discorreu-se sobre o surgimento e evolução do Ensino a distância, para em seguida discutir a formação dos professores no Brasil, seja inicial ou continuada. Por fim, a análise dos dados levantados permitiu relacionar a prática pedagógica existente e a formação docente.

Sendo assim, entende-se que a discussão acerca dessa temática é de importância singular, haja vista o contexto atual em a educação está inserida e a exigência de docentes que atuem de acordo com a demanda social e profissional.

2. Desenvolvimento

2.1 Surgimento e Evolução da EAD

Pensar em educação hoje é pensar, também, em tecnologia. Não há mais lugar para um processo de ensino-aprendizado em que o professor é detentor exclusivo do saber.

Ao se falar em Ensino Superior, no qual o aluno busca uma formação específica, entende-se que muitas dúvidas permeiam o seu universo e, se ele sentir que o professor não tem todas as respostas de que ele necessita, ele buscará na internet e correrá o risco de obter informação e não conhecimento.

Quando o computador ainda era um luxo para poucos e a internet nem existia, a educação era baseada na figura central do professor e as pesquisas eram feitas em bibliotecas, livros, revistas impressas e coleções de enciclopédias. As informações levavam anos para serem alteradas, até que novas edições fossem lançadas de um livro.

Foi nesse universo que a EAD se configurou. A partir de uma releitura de artigos voltados para a evolução do processo de Ensino a Distância, como Barros (2002, 2003), compreende-se que o EAD já dava os seus primeiros passos no início do Século XX, com os cursos oferecidos por correspondência. Posteriormente, havia aulas básicas transmitidas via rádio e depois, com a democratização da TV, já nos anos 90, surgiram as tele aulas, que formaram muitos jovens e adultos por meio de cursos oferecidos pelo MEC, pela TV Escola (1996) e parcerias feitas com a Fundação Roberto Marinho e a FIESP, como Telecurso 2000. Este último, não é mais transmitido pela TV, mas, disponibiliza uma plataforma virtual.

Outro instituto bem conhecido de formação à distância é o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941 e mantém as suas atividades até hoje, oferecendo cursos profissionalizantes e supletivos, voltados para o Ensino Fundamental e Médio, totalmente feito por correspondência, no formato de apostilas.

A partir dos anos 2000, a consolidação da internet como um “divisor de águas” no mundo tecnológico, escolas, cursinhos preparatórios e universidades de todo o mundo começaram a dar os primeiros passos para a Educação à distância, se utilizando de e-mails, redes sociais, como MSN, blogs e de páginas especializadas em oferecer ensino, de qualquer lugar do mundo.

No Brasil, mais precisamente em 2005, com o Decreto 5622, veio a primeira regulamentação do EAD, permitindo que as Instituições de ensino pudessem criar programas

voltados, exclusivamente, para esta modalidade de ensino, além de permitir que os cursos EAD fossem avaliados da mesma forma que os cursos presenciais; isso permitiu que esses cursos tivessem um índice de qualidade a serem seguidos.

Segundo Barros (2003), em seu artigo Educação à Distância e a novas demandas ocupacionais, ensino e educação costumam ser conceituados, da mesma forma. Todavia, há que se fazer uma distinção ao se definir Educação à distância, pois esta, com o uso da tecnologia digital e não digital, se configura em uma educação que supera barreiras geográficas, dentro de um contexto mais abrangente.

Nesse sentido, observa-se que a educação presencial e EAD se diferem pela substituição do espaço físico e do cumprimento de horário fixo pelo uso mais ativo da tecnologia, que permite ao aluno adequar seu tempo de estudo com as suas necessidades, não se discutindo aqui, se um é melhor que o outro, pois as ferramentas de integração utilizadas nas plataformas virtuais trazem um leque infinito de interações e aprendizados.

Hoje, é possível afirmar que a EAD se consolidou como uma forma de ensino capaz de alcançar qualquer pessoa, de qualquer idade, em qualquer lugar, desde a educação básica até o nível lato e stricto sensu. Agora, em 2020, diante do cenário pandêmico, com o novo coronavírus, essa situação se acentuou em grande escala e, a cada dia, se solidificando ainda mais. As ferramentas tecnológicas, tão utilizadas na EAD, se tornaram condição ímpar para que milhões de alunos não tivessem prejuízo em suas atividades acadêmicas.

Nesse sentido, é possível afirmar que, definitivamente, o EAD veio para ficar, não é mais um futuro distante, mas sim, o que se vive na contemporaneidade e, cabe às instituições de ensino, se aperfeiçoarem cada vez mais, capacitar o corpo docente para que tenham as condições necessárias para ministrarem aula de modo interativo e com a mesma qualidade que as aulas presenciais.

3. A Formação dos Docentes

A formação docente sempre esteve no centro das discussões dos estudiosos da educação. Há a concordância entre todos que tal formação é fundamental para o bom desempenho do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Veiga (2014), a formação é um processo que envolve construir conhecimentos, a partir de uma junção de vários elementos, que vão desde a análise do contexto social, levando em conta os elementos culturais, até o contexto das políticas educacionais. Para ela, a formação é um processo contínuo, que interliga conhecimentos

científicos, éticos, pedagógicos, a fim de constituir a prática docente. Não se pode, então, falar de uma formação profissional para a docência, apartado das questões sociais, políticas, econômicas e culturais, independente do nível de ensino.

Para cada fase educacional, apesar dos conhecimentos pedagógicos se alicerçarem em uma mesma base, há que se considerar as particularidades que cada nível exige do profissional, ou seja, há necessidades específicas para o docente alfabetizador, assim como para o docente que atua no Ensino Superior e, tais especificidades devem estar presentes e serem coerentes com o público que se atende.

Nóvoa (2009) traz cinco princípios básicos para a formação docente. Tais princípios abarcam o foco na prática, na cultura profissional, no trabalho em equipe, nas dimensões pessoais da profissão e na responsabilidade social, ou seja, princípios que obrigam o professor a se capacitar, constantemente, pois a conjuntura social é dinâmica e se modifica constantemente.

Sob essa ótica, cabe salientar que as práticas utilizadas pelo docente, que atuava há 50 anos, não possui espaço na atualidade, a começar pela exigência da formação acadêmica. Antes, era exigido do professor, apenas o magistério (nível de Ensino Médio), ou nem mesmo isso, a depender do local e do contexto social onde atuava, bastava ter um pouco mais de conhecimento, que já estava apto a ensinar aquele que nada ou quase nada sabia.

A partir da Lei das Diretrizes Curriculares (LDB), nº 9394, sancionada em 20 de dezembro de 1996, a exigência de formação se modificou. Esta lei foi um divisor na Educação Brasileira, pois estabeleceu novos parâmetros para a formação docente: nível superior para todos os níveis de ensino. Intensificou-se a procura pelos cursos de licenciatura. A lei estabeleceu um prazo de 10 anos a partir de sua promulgação, para que esses profissionais tivessem formação adequada. Todavia, esse prazo se estendeu e, até hoje, em lugares remotos e inóspitos, é possível encontrar professores atuantes que possuem somente o ensino médio.

No contexto do Ensino Superior não poderia ser diferente, a democratização do ensino ampliou a oferta dos cursos, o que, por consequência exigiu profissionais, cada vez mais preparados para atuarem na docência, o que provocou uma corrida pelos cursos de Especialização lato e stricto sensu, além das formações continuadas oferecidas pelas próprias instituições de ensino com vistas a melhorar a qualidade do profissional.

Ao discorrer sobre as mudanças solicitadas na formação dos docentes, Freire (1996) vislumbrou uma transformação educacional. No mesmo ano do surgimento da LDB, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, o autor apontou aspectos relevantes sobre a aceitação do

“novo” e sobre as questões da prática docente; pontualmente afirmou que o docente deve sempre observar o ontem, para aperfeiçoar a sua prática futura. Para ele, teoria e prática devem sempre ser levadas a uma visão crítica e reflexiva, a fim de que o profissional não permaneça estático.

Assim como Freire, Nóvoa (2009) traçou o perfil do docente, como aquele que se utiliza da reflexão sobre a teoria para construir a sua prática. Para ele, levando em consideração os elementos genéricos é possível construir um profissional apto a lidar com contextos específicos, na qual saberá lidar com as diferentes realidades e terá condições de traçar um planejamento específico para cada uma delas.

Desse modo, compreende-se que a formação docente não é neutra, muito menos estática, em todos os segmentos em específico, o profissional que atua no Ensino Superior, objeto desse estudo, tendo em vista a complexidade de uma formação profissional, objetivo principal de quem cursa esse nível de ensino.

Antes esse professor deveria, apenas, conhecer as especificidades da profissão para que fosse apto à formar outros profissionais: um advogado formava outro advogado, assim como um clínico geral estava apto à formar um cardiologista. Porém, no contexto atual, além de especialista em sua área, o docente tem que ser mais dinâmico, inovador, pensar nas exigências de mercado e trazer a realidade para os seus alunos.

Nesse processo não cabe mais a figura do professor como detentor único do saber, mas aquele que faz a “ponte” entre os conhecimentos prévios que o aluno já carrega consigo e os conhecimentos técnicos que ele tem que adquirir, numa troca de informações que envolve a diversidade de ideias e culturas; isso contribuirá para formar cidadãos com senso crítico e prontos para enfrentarem um mercado de trabalho, cada vez mais exigente.

Assim se tem a definição de profissionalidade, um novo termo que tem sido utilizado para o novo tipo de profissional da atualidade. Sacristan (1993) já tratava o termo profissionalidade como uma atuação mais específica dos professores na prática, reunindo um conjunto de atuações, habilidades, conhecimentos, atitudes e valores que fazem da figura do professor uma expressão única e própria de “ser professor”.

3.1 O Uso das Tecnologias na Formação Docente

Ao adentrar no universo da formação inicial e continuada docente, no contexto atual, na qual a EAD é muito presente, importa compreender quais tecnologias estão à disposição do docente, quais necessitam dominar, tanto nos cursos de formação quanto na

prática profissional, tendo em vista que a tecnologia se moderniza a passos largos, é dinâmica e fornece um vasto leque de possibilidades para quem a utiliza.

Quando a EAD ainda estava adentrando o mundo virtual, era suficiente ter um computador com Internet e acesso a um e-mail, já que as trocas de informações eram feitas, basicamente, por este canal, o que não exigia muito domínio tecnológico; pois, ainda não existiam ferramentas educacionais, específicas para o EAD.

Com o crescimento das tecnologias digitais, surgiram as plataformas virtuais de ensino e a necessidade do docente estreitar conhecimento para a utilização das tecnologias, facilitando assim, o acesso a EAD, seja para sua própria capacitação, seja para exercer sua função, enquanto docente ou tutor do ensino a distância.

Além de gerenciar a tecnologia, faz-se necessário gerenciar o tempo, pois os ambientes virtuais e suas ferramentas possuem prazos a ser cumprido, o que pode exigir ainda mais comprometimento e dedicação do docente, que tem saber dividir seu tempo em preparar conteúdo e adequá-lo às plataformas que irá utilizar.

Sobre tempo e tecnologia, Kenski (2014), considera que na interligação de tempo e trabalho, há três dimensões distintas, que leva em conta a duração, o ritmo e a localização. Para ela, em qualquer uma dessas dimensões a urgência estará sempre presente, direcionando o profissional para novos desafios e novas práticas.

Assim, entende-se que as inovações tecnológicas trazem um ritmo diferente para as demandas no trabalho, e isso, não impacta somente o trabalho dos docentes, mas, também, as atividades realizadas pelos alunos que precisam estar mais atentos às inúmeras tarefas que o EAD oferece, mas que ampliam as possibilidades de interação.

Nessa perspectiva o uso das novas tecnologias no processo educacional, ao mesmo tempo em que possibilita ao docente executar suas atividades, sem estar presencialmente num mesmo espaço físico, exige, também, que ele consiga dominar o tempo, de forma que o trabalho seja ágil e eficiente.

Ainda sobre o tema, Kenski (2014) é enfática sobre a autogestão do tempo, pois o aumento da produtividade está intimamente ligado à interação e ação, não permite o isolamento, pois mesmo longe um dos outros, professores e alunos estão conectados virtualmente. Assim, torna-se mais fácil, por meio dessa autogestão traçar metas e ações capazes de intensificar as atividades profissionais e educacionais com a qualidade e eficiência que o processo educacional EAD exige.

Importante ressaltar, que há inúmeras metodologias pedagógicas, a partir do uso das tecnologias. As metodologias ativas possibilitam, tanto presencialmente, quanto

virtualmente, que o professor tenha infinitas formas de interagir com o aluno, tais como: a sala de aula invertida, os estudos de casos, os fóruns de discussão, entre outras que permitem que o aluno seja mais ativo, reflexivo e crítico e, mais ainda, que ele alie teoria à prática.

Todavia, para que essas metodologias ativas funcionem efetivamente, o professor tem que entender como funcionam, a fim de aplicá-las corretamente aos casos concretos. Nesse sentido, uma formação específica na área, se torna indispensável, e para tanto, é possível encontrar várias opções de cursos online que oferecem esse tipo de capacitação.

O que deve ser levado em conta é que o professor deve procurar cursos de formação continuada que se alinhe à sua realidade, no âmbito educacional. Pretto (2010) ressalta que as experiências online são parte de processo de formação e de aprendizagem, trançando uma construção de conhecimento individual e coletiva, pois traz acesso às infinitas formas de pensar e refletir.

Sendo assim, entende-se que é necessário para a formação docente continuada e para sua atuação na prática EAD que ela consiga atender aos requisitos de aceitabilidade do processo, autogestão do tempo, familiaridade com as novas tecnologias que surgem o tempo todo, disciplina e uma constante adaptação aos novos contextos educacionais que vão surgindo.

3.2 Formação Continuada e a Docência no EAD

A importância de uma formação especializada para o processo de ensino aprendizagem é cada vez mais necessária e passível de adaptação. Nesse contexto, importante ressaltar que essa formação envolve a continuidade para que a adaptação seja possível e eficaz, ainda mais em um mundo em que o EAD não é mais uma opção e sim uma realidade cada vez mais presente na vida dos acadêmicos.

Em 2017, o Decreto lei nº 9057 trouxe regulamentações significativas para o EAD no Brasil, permitindo que a educação básica e superior pudessem ser ofertadas nessa modalidade, observadas as condições necessárias para tanto. Em seu artigo 1º, a lei traz o conceito de EAD:

Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades

educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (Brasil, 2017).

Observa-se que a Lei é clara quanto ao objetivo da EAD, que é democratizar o ensino, se utilizando da tecnologia como promoção da educação para todos, e isso engloba a formação continuada dos professores, que foi muito favorecida por essa modalidade.

Isso se deve ao fato de que uma formação continuada, totalmente presencial, inviabilizava a especialização por grande parte dos docentes, seja pelos baixos salários, seja pela extensão geográfica brasileira e suas peculiaridades, o que tornava o acesso às universidades muito difícil. Assim, a EAD foi a solução perfeita para oferecer a formação continuada, de forma economicamente mais acessível e por poder ser realizada de qualquer lugar, bastando apenas o acesso à internet e ao computador.

Nesse contexto, Belloni (2003) traz uma observação importante ao constatar que, ainda, existe uma carência de professores aptos a atuarem na EAD, mas isso pode ser minimizado se as Instituições de Ensino Superior se dedicarem a capacitar esses profissionais, revolucionando, então, a concepção incorreta que a grande maioria não só dos profissionais, mas, também, da população, possuem acerca da EAD; há que se haver um preparo consistente, por parte daqueles que conduzem o processo.

É inegável que o EAD veio para suprir as necessidades de uma demanda de professores mais especializados, principalmente no ensino superior, que solicita profissionais mais qualificados para oferecer uma educação de qualidade, significativa e que forneça subsídios adequados ao contexto em que o aluno está inserido.

Porém, como já abordado anteriormente, há resistências em relação a essa modalidade, por parte dos docentes. Muitos têm dificuldades em se adaptar às tecnologias, que estão sempre evoluindo, o que dificulta o processo de ensino, quanto de aprendizagem.

Os ambientes virtuais, mesmo com várias ferramentas à disposição do professor, necessitam que este profissional esteja familiarizado com os mecanismos aplicáveis: inserção de conteúdo, utilização e-mails, participação em chats, fóruns dentre outras ferramentas disponíveis.

O professor conectado ao futuro é aquele que está sempre em busca de novos conhecimentos, de novas especializações, que é organizado, dinâmico. Esse é o perfil dos novos profissionais da educação, haja vista que o professor não é mais o detentor exclusivo do saber, mas, sim, o mediador de conhecimentos; portanto, devem estar aptos a responderem às questões inerentes a prática docente, haja vista que a informação está,

literalmente, democratizada. Dessa forma, não se pode conceber uma educação nos moldes da Idade Média. Hoje em dia há óculos de realidade virtual, bibliotecas virtuais, etc. (MORAN, 2000; 2015). Logo, é necessário que o campo educacional evolua do mesmo modo que os demais segmentos da sociedade.

Não menos importante, é utilizar de modo interativo, contextualizado e significativo as tecnologias educacionais. Pretti e Neder *et alli* (2005) diferencia autonomia de autodidatismo, já que o primeiro é baseado na capacidade de aprender por conta própria, enquanto o segundo necessita compreender que o processo de formação é interligado aos contextos sociais e à intersubjetividade.

Para diferenciar esses processos torna-se indispensável que o docente da nova era se atualize constantemente, diante de novas perspectivas e do surgimento de novas realidades, a fim de saber lidar com tantas formas diferentes de aprender e de ensinar, bem como escolher qual o melhor caminho a seguir, nesse novo contexto educacional.

A formação continuada, também, é necessária para que o profissional da educação esteja sempre alinhado com as melhores metodologias de ensino, pois o público discente do ensino superior é aquele que está sendo preparado para o mercado de trabalho e não basta adquirir conceitos teóricos prontos, mas deve, sim, saber aplicá-los na prática.

Infere-se, desse modo, que o professor da nova era educacional digital saiba gerir seu tempo, dominar a tecnologia e, ao mesmo tempo, caminhar próximo ao aluno, oportunizando, então, uma formação sólida.

Isso envolve uma formação pedagógica continuada, que verse não só sobre tecnologia, mas, também, metodologias e relações pessoais. Esses são elementos imprescindíveis no contexto educacional contemporâneo.

3.3. Da Teoria à Prática

Com vistas a analisar o que é preconizado por diferentes autores que discutem o perfil docente universitário atual foi realizada uma pesquisa de campo com professores universitários que atuam na modalidade a distância, em um Centro Universitário da região, a fim de apreender como se configura sua prática docente. Essa instituição oferece ensino 100% a distância e presencial, com 20% da matriz curricular em EAD, além de atividades rotineiras em plataforma de ambiente virtual de aprendizagem, Moodle.

Coincidentemente, essa pesquisa ocorreu em momento crítico da Pandemia pelo coronavírus, na qual o isolamento social é fundamental. Este cenário obrigou todo o corpo

docente da instituição, sob pena de se ver afastado de suas funções, aprender a utilizar ambientes virtuais de aprendizagem e ministrar aulas remotamente.

Essa pandemia colocou em destaque a EAD e a partir desse contexto, os professores, de modo geral e de todos os níveis de ensino, no Brasil, se viram obrigados a manusear tecnologias que antes não faziam parte de seu universo. A migração do ensino presencial para o ambiente totalmente virtual foi necessidade primeira, para evitar maior prejuízo no campo educacional. Sejam bem-vindos às tecnologias educacionais.

Para realização dessa pesquisa utilizou-se o ambiente virtual gratuito, google forms que permitiu obter informação, por meio de questionário semiestruturado, junto aos professores. Buscou-se, nessa seara, investigar quais as maiores dificuldades enfrentadas pelos docentes, que atuam na modalidade EAD; tempo de atuação, concepção acerca dessa modalidade, e nível de participação dos alunos.

Para a primeira pergunta a maioria absoluta disse que a maior dificuldade estava em atender aos prazos que essa modalidade de ensino demanda, como por exemplo, inserir conteúdo, questionários, gerenciar fóruns, lançar notas entre outras, seguido da dificuldade de ministrar a aula remotamente ou gravar vídeos, pois muitos, ainda, possuem dificuldades nesse quesito.

Nesse centro universitário em questão, as dificuldades em acessar e dominar a plataforma virtual não é tão grande, pois eles já atuam no seguimento há mais de dois anos com toda estrutura e vários cursos de formação continuada ministrados. Sobre o tempo de atuação a maioria está nesse universo entre um ano e dois, que coincide com o período em que essa modalidade foi inserida no contexto institucional.

Sobre a concepção acerca da EAD, a maioria respondeu que o ensino híbrido, ou seja, uma mescla de ensino presencial, com o uso das ferramentas virtuais de aprendizagem é a forma mais eficaz, seguida daqueles que ainda acham que o ensino presencial não pode ser substituído pelo EAD e, em último lugar, os que acreditam que a EAD é uma forma totalmente eficaz de ensino.

Ao mencionar a participação dos alunos na EAD, a maioria respondeu que eles ainda, possuem muitas dificuldades em acessar a plataforma e realizar as atividades, mas ao mesmo tempo, que são mais participativos nas aulas remotas, que ocorrem em tempo e horário determinado, de acordo com o horário institucional, por meio de videoconferências, o que leva a crer que, por não estarem presencialmente frente aos professores e colegas, se sentem mais à vontade para participarem das discussões.

Diante das questões levantadas e dos resultados obtidos observou-se que os prazos a cumprir são um dos pontos que mais incomoda o público pesquisado, haja vista que por exigir o uso das metodologias ativas, o ambiente virtual deve ser sempre “alimentado” para que o aluno esteja sempre conectado com o material oferecido.

Diante do contexto apresentado é possível afirmar que a EAD é uma modalidade de ensino que veio para democratizar a educação, para que ela possa chegar ao alcance de todos e para dinamizar a formação inicial e continuada dos docentes.

4. Considerações Finais

Discutir a formação inicial e continuada docentes, independe da modalidade que atue é condição singular para o êxito educacional.

A capacitação docente para o uso das tecnologias na Educação a Distância e, agora, diante do contexto da pandemia no Brasil, é fundamental para se colocar dentro do contexto que a sociedade contemporânea exige.

No Ensino Superior, em particular, é muito presente os cursos oferecidos na modalidade, totalmente a distância, como aquelas em que utilizam da EAD, hibridismo, como complemento para o ensino presencial, resultando, assim, em um nova forma de ensinar e aprender, um novo jeito de interagir, além uma gama de ferramentas que possibilitam maior envolvimento e dinamicidade no processo de ensino-aprendizagem.

Embora se tenha observado em campo que há uma boa aceitação dessa modalidade de ensino, tanto por parte do professor, como por parte do aluno, é inegável que a resistência em aderir a esta modalidade de ensino, de modo mais geral, é grande, tendo em vista que exige maior familiaridade, no que se refere ao domínio tecnológico. Ao professor além do domínio tecnológico, há, ainda, a dificuldade em relação a associação das questões pedagógicas, que exigem mudança de postura metodológica. Todavia, percebe-se que, até pela necessidade do cenário atual, aos poucos, as barreiras estão sendo rompidas e novas concepções acerca da educação estão se ampliando.

Entende-se que a atuação docente na EAD solicita habilidades específicas tais como domínio de tecnologia, autogestão, boa relação interpessoal, mediação de conflitos, empatia e disciplina, para que assim possa auxiliar o aluno nas demandas. Tais cuidados podem evitar que o aluno, pela dificuldade que possui, não se adapte à modalidade e acabe por evadir.

Detectou-se que a resistência ainda existente, é decorrente de um público que não acredita na qualidade do EAD, concebendo-a como uma forma de emitir diplomas de modo indiscriminado. Contudo, é possível inferir que muito se avançou no que se refere a utilização das tecnolínguas pelos docentes, em específico, os de Ensino Superior, objeto desse estudo.

A adequação ao contexto social, da legislação brasileira, que regulamentou a EAD, permitiu que cursos em diferentes níveis pudessem ser oferecidos, totalmente ou parcialmente a distância. Tal fato iniciou um processo de desconstrução de concepção incorreta acerca dessa modalidade, como produto sem qualidade; pelo contrário, muitos alunos se mostram mais ativos e participativos, segundo os dados obtidos em campo, em virtude da possibilidade de estudar no conforto do seu lar e nos horários mais convenientes, atendendo, dessa forma as particularidades individuais.

Em tempos de pandemia, pela disseminação do coronavírus, que solicitou o isolamento social, muitos docentes se viram na situação de aprenderem a dominar os ambientes virtuais quase que instantaneamente para poderem se manter em seus empregos, pois as instituições para não perderem alunos e pelas dificuldades econômicas que o contexto mundial trouxe se adaptou em tempo recorde, por meio das aulas remotas e das tecnologias digitais disponíveis, evitando, assim, prejuízo maior para os atores envolvidos.

Evidentemente que a EAD exige do Docente habilidades diferentes do ensino presencial como disciplina e autonomia e, do mesmo modo, reivindica práticas docentes, que não são alicerçadas no ensinar mecânico e estático.

Nesse diapasão, cumpre salientar que, o primeiro passo já foi dado e que os docentes, embora apresentem fragilidades em sua atuação, já consideram a tecnologia como ferramenta importante. Esse é um fator relevante, pois passada a pandemia, não se admitirá retrocesso, nesse aspecto. A EAD, assim como o hibridismo é uma realidade imediata e, não há como o docente postergar uma formação mais sólida e consistente, que o coloque dentro de um cenário competitivo, tecnológico, informacional, sob pena de se ver obrigado a se afastar de suas atividades. Educação, docência e tecnologia educacionais formam uma tríade que não podem estar separadas no processo de ensinar e de aprender.

Sendo assim, tornam-se necessárias mais pesquisas sobre o uso das tecnologias educacionais, pois o passo que foi dado para a EaD e para o ensino híbrido não permitem que eles se tornem, somente, uma ferramenta auxiliar quando a pandemia passar e as aulas puderem voltar a ser presenciais. A EaD e o Ensino Híbrido, cada vez mais, serão inseridos no contexto educacional e os docentes devem estar sempre atentos às mudanças que ainda estão por vir.

Referências

Barros, D. M. V. (2003). *Educação a distância e as novas demandas ocupacionais*. Curitiba - PR: Editora UFPR.

Belloni, M. L. (2003). *Educação a distância*. Campinas: Autores Associados.

Belloni, M. L. (2002). Ensaio sobre Educação a Distância no Brasil. *Educ. Sociais*, Campinas, 23(78), 117-42, abril.

Brasil. (2017). *Decreto Lei nº 9057*, Brasília DF, 25 de maio.

Brasil. (2005). *Decreto Lei nº 5622*, Brasília DF, 19 de dezembro.

Brasil. (1996). *Lei nº 9394*. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Brasília DF, 20 de Dezembro.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. (25a ed.), Paz e Terra: São Paulo.

Kensky, V. M. (2014). *Tecnologias e tempos docentes*. Santa Catarina: Papyrus.

Moran, J. (2000). Mudar a Forma de Ensinar e de Aprender: transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. *Revista Interações*, São Paulo, 2000, 57-72.

Moran, J. (2015). Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In: Bacich, L., Neto, A. T., & Trevisani, F. M. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso.

Preti, O., & Neder, M. L. C., et al. *Educação a Distância: sobre discursos e práticas*. Brasília. 2012. Líber Livro Editora.

Preto, N. de L., & Riccio, N. C. R. (2010). *A formação continuada de professores universitários*. *Educar*, Curitiba, 37, 153-169, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

Veiga, I. P. A. (2014). *Formação de professores para educação superior e a diversidade da docência*. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, 14(42), 327-342.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Verônica Abud Paranhos Moraes Sena – 25%

Gricyella Alves Mendes Cogo – 25%

Gisele Silva Lira de Resende - 25%

Vera Lúcia Macedo de Oliveira Teixeira-25%